

MILHA 12

M
12
GAZETA

GAZETA COOLTURAL DE GENTE LIVRE

"Longe do ponto de partida e ainda mais longe do ponto de chegada."

Número 7
Julho de 2025



Pintura: Ana Madalena

AB INITIO

O verão chegou com os seus dias mais longos e ritmos mais soltos. Com ele chegou, também, o tempo de descanso, das festas em família ou com amigos, as sardinhas, a praia e o sol tão apreciados na cultura portuguesa.

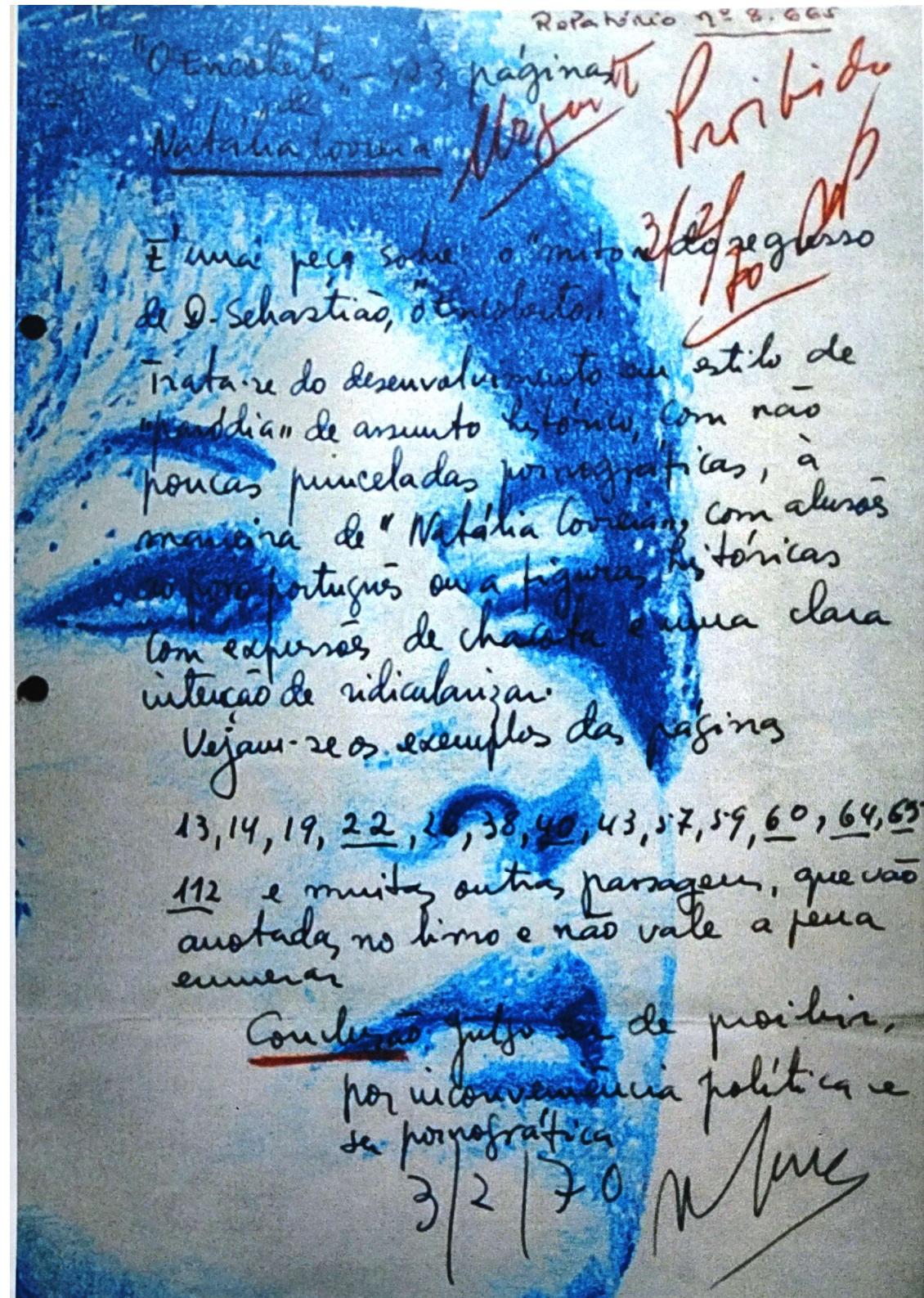
Porém, é igualmente necessário que nos relembrmos de que não devemos esquecer o papel essencial da leitura, especialmente junto dos mais novos. É nesta altura que muitos hábitos se perdem sendo, por isso, uma época em que mais importa preservá-los: ler durante o verão pode (e deve) ser um convite à descoberta, ao imaginário, à reflexão. A leitura jornalística mais informal, mais próxima do dia a dia é, sem dúvida, uma forma poderosa de manter o pensamento ativo, de estar atento ao mundo e de continuar a crescer.

No Milha 12, queremos fazer parte dessas rotinas. É bom estar convosco em todas as estações do ano, com palavras que vos acompanhem, que vos provoquem ou simplesmente vos façam sentir leves e soltos. Neste novo número do Milha 12, continuamos a trilhar um caminho que desejamos longo, fértil e plural. Um percurso pensado em todos aqueles que nos vão acompanhando nesta jornada e que ao nosso lado têm estado.

Desejamos a todos um bom verão, com muitos momentos de regozijo, de brindes à vida, à boa disposição e às boas companhias.

Voltaremos em setembro. Até lá, boas leituras e um excelente verão!

Diretório coletivo



Obra "RETRATOS DA sem CENSURA", da série "ROSTOS DA DEMOCRACIA", Artista Plástica Mafalda Rocha

Texto: Relatório da censura N° 86, de 3 de fevereiro de 1970, O Encoberto, Natália Correia

FICHA TÉCNICA

Milha 12 - Gazeta Cultural
Julho de 2025

DIRETÓRIO COLETIVO
José Brandão de Sousa | Nuno Araújo | Paula Sousa | Paulo Monteiro

MORADA
Rua António Bernardo 500, 2^a fase, 5^o Esq
3720-301 Oliveira de Azeméis

REVISÃO
Paula Sousa

DESIGN E COMPOSIÇÃO GRÁFICA
Paulo Monteiro

COLABORADORES DESTE NÚMERO

Ana Madalena | Augusto Lemos | A. Grilo
I BAP | Carlos Cunha | Carlos José | Carminda Oliveira | Domingos Silva | Helena Terra | Isabel Costa | José Carlos Soares | Luís Costa | José Brandão de Sousa | Mafalda Rocha | Manuel Lino | Matos Barbosa | Octávio Lima | Paula Sousa | Paulo Monteiro | Raquel Costa | Rosa Melo | Rosa Melo | Rui Gomes | Rui Luzes Cabral | Sandra Silva

milhadoze@gmail.com

milhadoze.wixsite.com/milha-12

milhadoze

Milha Doze



Desenho: Domingos Silva 1988

Os Outros... os *Humanos*

Manuel Lino

Para nossa surpresa, ninguém é capaz de aprender sobre a experiência dos outros. De forma tendenciosa, sempre pensamos que o caminho percorrido por alguns teve a sua própria razão de ser, considerando-se as peculiaridades individuais do caminheiro (que, porventura, não foi suficientemente esperto, audaz ou até valente).

Mas não é certo! Existem questões relacionadas com métodos e características, com velhos costumes, com condutas e atitudes repletas de aspetos positivos, mas também negativos.

E assim, os humanos repetem e repetem e voltam a repetir individualmente situações que se poderiam evitar de modo a não causar danos, desconfiança, zangas, frustrações...e até passar por momentos ridículos, porque já ocorreram em outras ocasiões e, uma vez que se pode aprender com elas, resolver-se-iam com alguma determinação.

Entende-se que não há nada que altere a situação, porque a petulância (ainda que repleta de inocência) de nos considerarmos os melhores, sempre se imporá nas constantes horas da verdade.

E, com o tempo, aprende-se a sentar e observar, pois nem tudo aquilo que nos rodeia necessita da nossa reação.

→

horasemque

Rosa Melo

melhor pedir emprestado
também o corpo a cabeça
os olhos
então esses sim
mas nunca por muito tempo
só o ir ali e voltar
devolverei com a história
e será tua viveste-a

o que verás da janela
o fascínio que não ouso
as vozes-sussurro e o brado
o bulício que me perde
a beleza que não acho
o assombro que vos arde
o esmero no palato
que desestimo de pronto
a diversa humanidade
e o ato o ato o ato
o passo a ida a viagem
o fazer agir criar
a corrida o salto a estrada
o discorrer amigável
- a confabulação renegada
o banimento fechado

deixem-me só a palavra
que com ela disse isto

quanto ao resto
desassisto



Da guerra num país achincalhado...

Rui Gomes

As vozes e os corpos continuam a desaparecer até hoje, sem sabermos se temos tratado com cuidado das nossas feridas. Mas, enquanto éramos crianças, quase todos nós conhecíamos alguém que, não o podendo evitar, tinha sido mandado para a África. As nossas memórias não eram ilusões nem fantasias, ocultadas numa pequena vitrine à espera que o alarido tivesse terminado. No meu caso, como um pírilampo, lembro a azáfama da minha avó à mesa, à volta dos aerogramas que regularmente enviava para Luanda, um dos melhores sítios para andar na guerra. As folhas clandestinas, claro, não tinham meio de chegar às tabacarias, mas a guerra fazia parte da paisagem remota e não a trocávamos por nenhum lugar. Os recados e as notícias sobre os nossos soldados enviados para África apareciam, com uma frequência avisada e palavras poupadadas, nos jornais da nossa terra. Alguns dos nossos conterrâneos a viver no continente, usando juras evasivas, partilhavam histórias detalhadas, por vezes desligadas da realidade, indolentes, sinuosas, arrebatadas, das regiões quentes. Melhor ainda: corria o ano de 1963 e Matos Gomes, que viria a ser o vice-reitor do nosso liceu, publicou no início dos combates, não me lembro se com um carimbo oficial, o livro *África em chamas*. Como o tempo rebentou desde aí, sem que muitos de nós soubéssemos com precisão o que andava a acontecer em Angola, na Guiné ou em Moçambique. Alguns soldados voltavam de vez, recolhidos em caixões, outros embarcavam à vez. Dez anos passaram sobre a publicação do textinho do nosso reitor, mas as conversas não se deixaram arrastar pelas últimas modas. Corria o ano de 1973, o mês era o de junho, e um dos nossos jornais pegou no livro do velho professor para, fossem quais fossem as bombas a cair, não se deixar abater pela chacota velhaca e os maus modos das grandes potências. Um advogado da nossa vila, Tomás António Fernandes, que dirigia então *A Voz de Azeméis*, procurou resistir às teias viscosas da atualidade.

O livrinho de Matos Gomes, uma década passada, continuava moderno, sobretudo quando denunciava a origem terrorista das labaredas nas colónias, com Moscovo e Praga a lançarem a combustão e a infiltrarem no mato pupilos pesados e lentos, treinados na arte da subversão. Um capítulo do reitor, com o título *Portugal na jaula de vidro*, denunciava, sem sombra nem pecado, o tenebroso assalto em perspetiva a uma nação orgulhosa, incluindo na intriga os amigos da onça, desfigurada num país maltratado e rebaixado. O momento era esquizofrénico, com o lado contrário ao da barricada vermelha, a dos americanos e dos ingleses, a ajudar na apanha do que restava das migalhas, *semeando ventos e tempestades...* Os sopros na chama eram múltiplos e geograficamente bem localizados: Moscovo, Washington, Paris, Organização das Nações Unidas... Para o diretor de um dos nossos jornais, à cautela, o melhor ainda era atravessar os Pirenéus, omitir a Espanha e os seus juízos franquistas e, por mais fria e chuvosa que fosse a noite, chegar a França. O mentor era Jacques Soustelle e a sua *Carta aberta às vítimas da descolonização*. O mundo andava a fechar os olhos com languidez, assim escrevia o francês: *Não se perde nunca a ocasião de vilipendiar Portugal só pela simples razão de ter a coragem de dar uma lição de generosidade e de persistência a certos estados vinte vezes mais fortes e mais ricos*. Estávamos em 1972, Salazar tinha definhado na cama, a primavera prometida continuava morbidamente claudicante. Mas, em África, onde estavam a ser atacados covardemente, no meio das calamidades e do infortúnio, da má-fé e de alguns tiros nos pés, os portugueses pareciam aguentar, pacientes e valentes. Nas últimas circunstâncias, num continente ainda tão irremediavelmente intratável e selvagem, não nos alapávamos no sótão e conservávamo-nos de vento em popa nas mezinhas da civilização. A bem da nação e do império.

SEM CULTURA
NÃO HÁ LIBERDADE



SAÍDA NA PRÓXIMA PARAGEM

Rui Luzes Cabral

O mundo não para de girar
Mas, por vezes, devia parar
Como autocarro numa paragem
E fazer sair gente escura
Quem alimenta o mal e teima desprezar os outros
Sairiam para o Espaço
Podia ser que um qualquer
Buraco Negro
Os fizessem clarear
Entrariam numa paragem mais à frente
Depois do mundo ter continuado a rodar
Se, transformadas em boas pessoas.

Na Segunda Guerra Mundial
Teríamos poupado milhões de Judeus
Se todos os nazis tivessem saído do autocarro
O Mundo
Numa qualquer paragem.

Que punição foi essa
Calhada a todas aquelas pessoas
Milhões de inocentes
Nascidas nessa altura
Arrastadas pela guerra
Que castigo atroz
De nojento animal algoz
Porquê?
Agora em Israel e Gaza
Quantas crianças
Quantos inocentes
Tantas vidas perdidas
Porque é que o autocarro
Não parou no dia 6 de outubro?
E em todos os dias anteriores ao início de todos os conflitos?
Fazendo sair todos os terroristas
Todos os criminosos
Sejam do povo raso ou do povo graduado
Quantas pessoas pouparíamos à desgraça
Da arbitrariedade das circunstâncias
De um tempo sempre cinzento
Quando falamos de guerra e de humilhação
O Autocarro não parou
Continuou a transportar pessoas aterradoras
Malignas e perversas
Ah, se pudéssemos expulsar para o Espaço
Quem faz a guerra
E enche a boca com palavras de paz
Sejam Judeus ou Palestinianos
Sejam outros povos
Seja quem vive excessivamente do mal
Ah, como seria bom
Vê-los a entrar nos Buracos Negros do Universo
E, por aqui, seria tudo como apregoam as Testemunhas de Jeová
A criança colocaria a mão na boca do Leão.



Fotografia: José Brandão de Sousa

(tosco improviso sobre a contractura: que dita-dura)

José Carlos Soares

Sou contra: a contractura

- ditadura do corpo.

Que dói. E rói.

Ombros cabeça dura

como os cornos

de um boi.

Sou eu (os cornos, não o boi),

como eles, duro.

Esmurro e marro

contra tudo o que se põe à frente

do meu futuro.

Adiante está a luz

resplandecente.

E eu aqui neste estado

a marrar contra o escuro

contra tudo o que não é evidente

contra o vento ou o vazio.

Talvez bata em alguma pedra

E se faça luz. Ou pelo menos

um arrepião.

Pedras soltas de um caminho

por achar.

Não este abismo onde me lanço

E me seguro

na corda de uma voz

a chamar.

QUADRADAS / REFLEXÕES

Carminda Oliveira

Nada sabemos de nada,

vivemos a querer saber

na vida desperdiçada

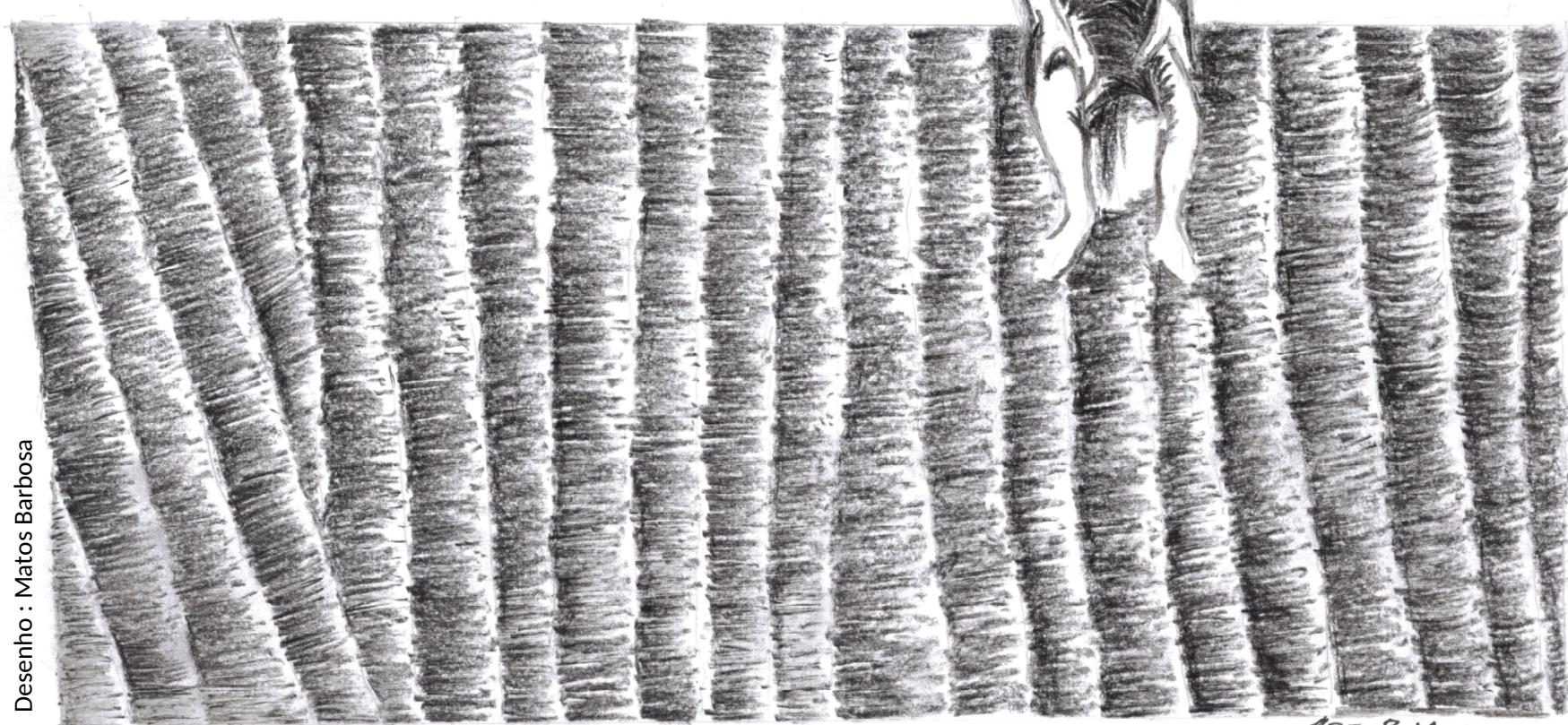
à procura do viver.

É hora de viver o presente
porque passado é mesmo passado.

Há que viver feliz e contente
mesmo que o fardo seja pesado.

Se sentes aquele vazio
que o tempo não quer preencher,
nesse vazio, assim tão frio
há uma faúlha a acender.

Entre sonhos e memórias
fazes por viver contente.
Com derrotas ou vitórias
sonhos te empurram prá frente!..



Desenho : Matos Barbosa

ANJOS, JOANAS E LIBERDADES

Carlos José

Na rádio fala a Joana, com graça e com picardia,
Diz piadas bem certeiras, às vezes com ironia.
Os Anjos cantam bem alto, com vozes de algodão,
Mas ficaram melindrados com certa imitação...

"Liberdade é sagrada!" — clama a multidão fiel,
Uns dizem: "foi só humor", outros: "foi fel no pastel!".
Uns riem-se com vontade, outros ficam agastados,
Mas todos têm opinião — mesmo os mais calados!

Na rádio há gargalhadas, no palco há emoção,
E no meio deste enredo... há muito coração.
Será que um sketch satírico é motivo de censura?
Ou será só democracia... a fazer uma figura?

O povo vai comentando, no X (ex-Twitter) ou no café,
Uns com um bagaço na mão, outros no chá com "torré".
"Ó pá, deixem-se de tretas, que o país tem mais que fazer!"
Mas depois vão debater — e voltam a escrever.

Se um Anjo se sente ofendido, tem direito a reclamar,
Se a Joana quer brincar, também pode inventar.
Liberdade não é guerra, nem vale puxar do lenço,
Mas convém termos sentido... de humor e de consenso!

E assim vai Portugal, entre a sátira e o refrão,
Uns com o riso na alma, outros com a indignação.
Mas enquanto houver palavra, e espaço para pensar,
A comédia e a canção... podem sempre conversar.



Desenho: Paulo Monteiro



Fotografia: Luís Costa



FOTO LUÍS COSTA

Em busca de outros paraísos

Octávio Lima

O par de namorados suspirou de alívio. Adeus aulas, frequências e exames. O último tinha decorrido num vasto anfiteatro, sob grande tensão. Agora, cá fora, um longo, apertado abraço marcava o arranque para uma gloriosa quinzena repleta de desafios e de oportunidades para se descobrirem melhor, antes de cada um partir para o aconchego da família, onde as férias os aguardavam.

A preparação para a longa viagem foi rápida — afinal, as posses eram poucas e o estilo de vida, quase espartano. De mochila às costas, fizeram-se à estrada, à saída da cidade, o polegar erguido. O primeiro carro que parou levou-os algumas dezenas de quilómetros. O destino ideal era o sul, e ainda tinham muito chão pela frente.

Por volta do meio-dia, um camião pesado rugiu ao lado deles e estacou. "Alentejo?" perguntou o motorista. Eles trocaram um olhar rápido. "Ótimo". O pesado camião, lento e ronco, transportava sal, e nem as janelas abertas conseguiam minorar o calor sufocante. Felizmente, o camionista fazia paragens frequentes, quase em todas as capelinhas, onde uma 'mine', bebida à sombra de um alpendre ou de uma latada, ajudava a suavizar a canícula. Era um conversador nato, o que tornava menos penosa a lentidão da viagem. Além disso, era muito popular: era sempre bem recebido e trocava animadas buzinadelas com os colegas que se cruzavam connosco.

Ao cair da tarde, na última capelinha, o motorista fez um telefonema misterioso. "Já temos jantar", anunciou sorrindo. E assim foram brindados com o melhor ensopado de borrego das suas vidas, à luz de um candeeiro Petromax, pendurado sobre a mesa comprida cheia de convivas ruidosos, perdidos no meio da planície infinita.

Depois de uma sesta breve mas profunda do camionista, retomaram a viagem sob um céu estrelado. Os namorados, exaustos, deixaram-se embalar pelo balanço hipnótico da cabine, adormecendo entrelaçados. O sol raiava quando o camião parou junto a uma fonte, de onde beberam, lavando a cara.

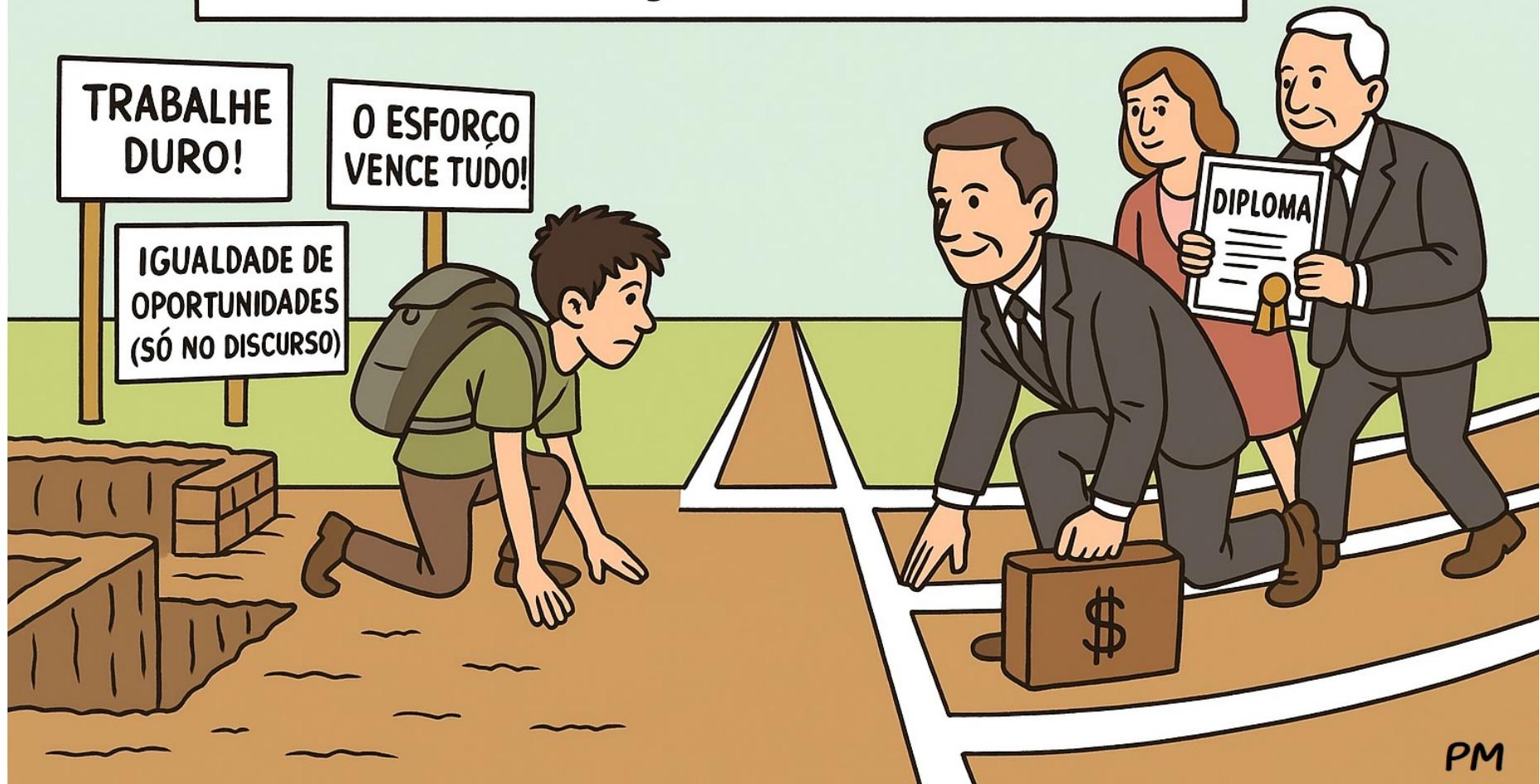
Pouco depois, despediam-se do seu anfitrião, que seguia outra rota.

Estavam perdidos no vazio da paisagem. Apenas uma pequena rotunda os atraía a uma curta distância. Foi aí que deixaram cair as mochilas e, quais naufragos, adormeceram abraçados a elas.

Não souberam dizer quanto tempo havia passado quando o estridente coro de buzinas os arrancou do sono. Estremunhados, ergueram-se sacudindo as roupas. Embaçados, carregaram as mochilas e puseram-se à procura de um parque, qualquer refúgio onde montar a tenda e encontrar uma praia esquecida.

Passados alguns dias, levantaram ferro e zarpam em busca de outros paraísos. O tempo voou, esgotando rapidamente os preciosos momentos que tinham para viverem mais unidos do que nunca. De volta ao seio materno, levavam consigo memórias doces e alegres — como a descoberta fortuita de uma nota de cinquenta escudos sob a tenda, o que lhes permitiu desfrutar de um lauto banquete no dia seguinte.

MERITOCRACIA: QUE VENÇA O MELHOR!



Hoje escrevo sobre a meritocracia. Essa ideia nobre, justa, quase mágica. Acreditamos nela com o mesmo fervor com que, em criança, acreditávamos no Pai Natal: se nos portarmos bem, se formos trabalhadores, dedicados e estudiosos... então venceremos na vida. Simples, não é? É quase comovente.

Afinal, vivemos num mundo onde todos partem do mesmo ponto. Onde o bairro em que nascemos, a escola que frequentámos ou os contatos da nossa família não exercem qualquer influência. Claro que não. O que importa é trabalhar arduamente. E sonhar.

Mas sejamos honestos.

Todos sabemos que, por detrás desta narrativa encantadora da meritocracia, opera outra força — menos romântica, porém substancialmente mais eficaz: a herança-cracia.

Um sistema onde o sucesso vem frequentemente incluído no berço. Onde o mérito parece ser hereditário. Onde, por alguma razão difícil de explicar, os filhos das elites surgem invariavelmente como os mais talentosos, os mais inteligentes... e coincidentemente acabam nos melhores lugares. Que curioso, não?

Enquanto isso, quem nasce do “lado errado” da linha do comboio é confrontado com aquela máxima motivacional: “Tens de te esforçar o dobro.” Como se o problema fosse meramente uma questão de esforço. Como se talento e trabalho bastassem para romper um sistema onde os lugares de topo já têm dono — e apelido.

Ainda assim, de tempos a tempos, lá aparece alguém que desafia as probabilidades e ascende. Quando isso acontece, aplaudimos efusivamente. “Estão a ver? O sistema funciona!” Ignorando, claro, os milhares que ficaram pelo caminho.

Sim, a meritocracia existe. Mas, por vezes, mais se assemelha a um jogo de sorte — ou a uma ilusão bem construída. Porque, sejamos francos: quando o ponto de partida é desigual, o mérito torna-se apenas uma palavra bonita, usada frequentemente para justificar o injustificável.

Talvez esteja na hora de substituirmos o conto de fadas pela realidade. De reconhecermos que o problema não reside em quem “não chega lá”, mas num sistema desenhado para garantir que apenas alguns lá chegam — e que lá permaneçam.

E talvez — apenas talvez — devéssemos deixar de enaltecer exclusivamente os “merecedores” e começar a construir uma sociedade onde mais pessoas possam, pelo menos, ter a oportunidade de merecer.

Mas enfim. Isto sou eu a sonhar. Porque, felizmente, sonhar ainda não foi privatizado.

PM

A mestria oliveirense

Raquel Costa

Cá se vai andando, com as medidas meias cheias.
Diplomacia, hipocrisia, confiança desconfiada.
Cara fechada.
Um "bom dia" custa. Um sorriso, pior ainda.

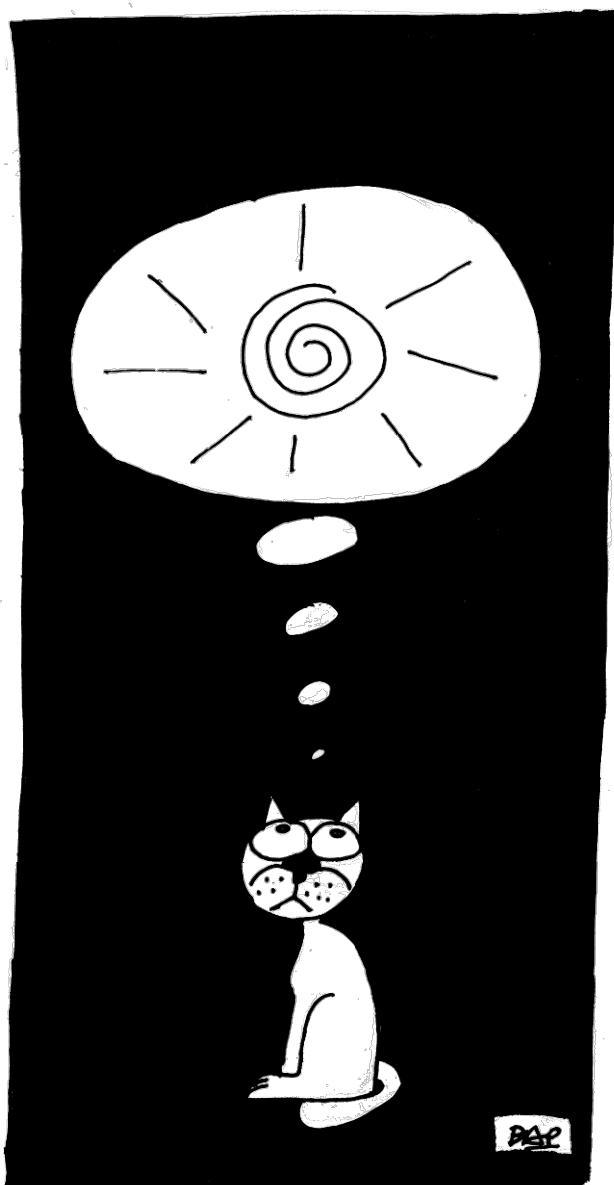
À cautela, por precaução.

Ensimesmado, desconsolado, descrente ajoelhado.
Na procissão, ao padre não se diz não — mesmo contrariado.
Acostumado.

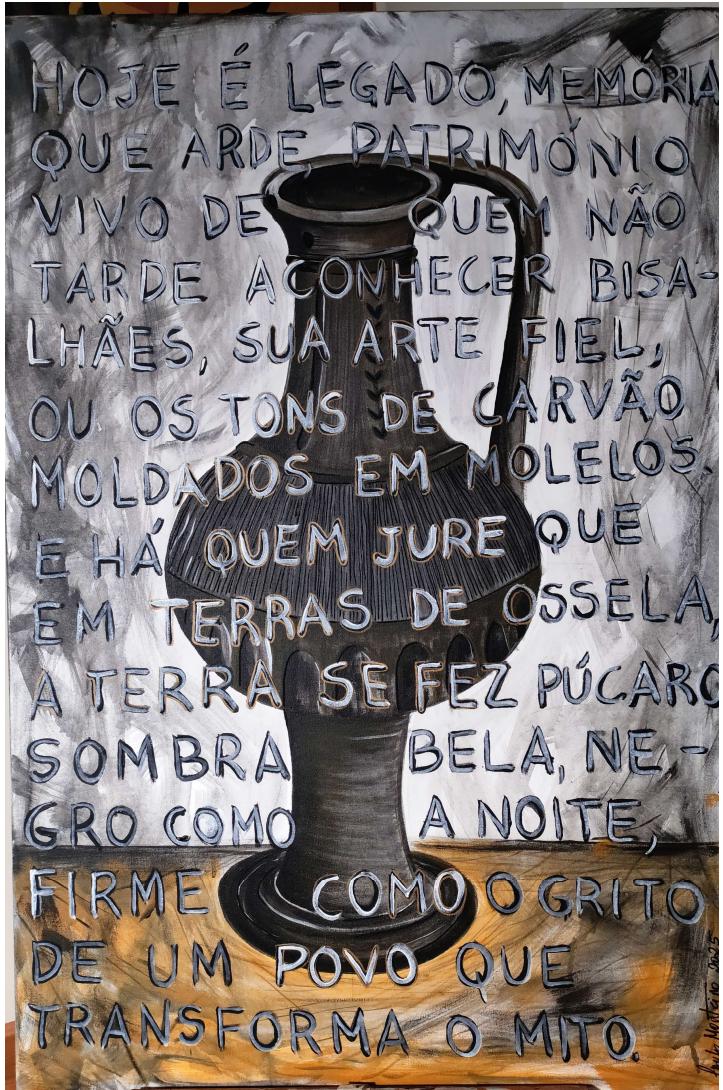
Pelo na venta, mãos ao trabalho, cenho franzido.
Por cá ficamos.
Aqui somos, aqui estamos — e os de fora, que se acanhem.

Do pão, do ferro, do aço, da terra,
do verde, dos rios, da estrada, da pedra.
Cabeça que avista a ria;
vista que adivinha o mar.

À Senhora, só vai quem tem pernas para lá chegar.



Pintura: Paulo Monteiro



Terra que Não Mata a Sede

Paulo Monteiro

Esse jarro enegrecido e decorado
Esconde um segredo avarento, calado.
Não deixa matar a sede dos afoitos,
Derrama pelo pescoço os goles tortos,
E zomba das gargantas secas, partidas,
Como quem guarda memórias retidas.

Foi nas mãos do artista que nasceu a trama,
Na roda que gira, no fogo que inflama.
Ganhou forma, malícia e poesia,
Nas feiras de alma e nas romarias.
Ecoa ainda o riso, o pregão do artesão,
Num país rural, de barro e chão.

Hoje é legado, memória que arde,
Património vivo de quem não tarde
A conhecer Bisalhães, sua arte fiel,
Ou os tons de carvão moldados em Molelos.
E há quem jure que em terras de Ossela,
A terra se fez púcaro, sombra bela,
Negro como a noite, firme como o grito
De um povo que transforma o mito.

Entre Artes, Junho 2025

Cartas a Margarida

Paula Sousa

Querida amiga: espero que se encontre de boa saúde. Escrevo- lhe em resposta à sua última carta. De facto, este avolumar de inteligências também me assusta. Não consigo pensar como será a vida do homem no amanhã, comandada por máquinas, sem sentimentos e sem o *liberum arbitrium* tão característico da dubialidade e debilidade humana. Imaginar que a saga Schwarzenegger do "I'll be Back" se tornaria real e que a humanidade se tornaria refém de "zeros e uns" para exultar a sua inteligência dita superior em relação aos demais seres vivos deste planeta, que julgo não terá espaço para egos tão gigantescos, faz-me pensar que vivemos completamente desregulados face à nossa própria existência. E vivia o Horácio atormentado por não conseguir comprar uma casa, apesar de trabalhar de sol a sol; e viviam os seringueiros da "selva" com medo das enxurradas do Madeira e dos Parintintins...

Vivemos hoje reféns das redes sociais, do que é *instagramável*, da quantidade de *likes* que cada *post* recebe; do fácil e do rápido, do prazer instantâneo. Esquecemo-nos de recenctrar, de nos reconectarmos connosco próprios e com a natureza; de viver e aceitar a nossa humanidade, com os nossos defeitos e virtudes; de caminhar lado a lado, de mãos dadas, de forma mais ou menos empática, com as emoções próprias de um ser vivo...

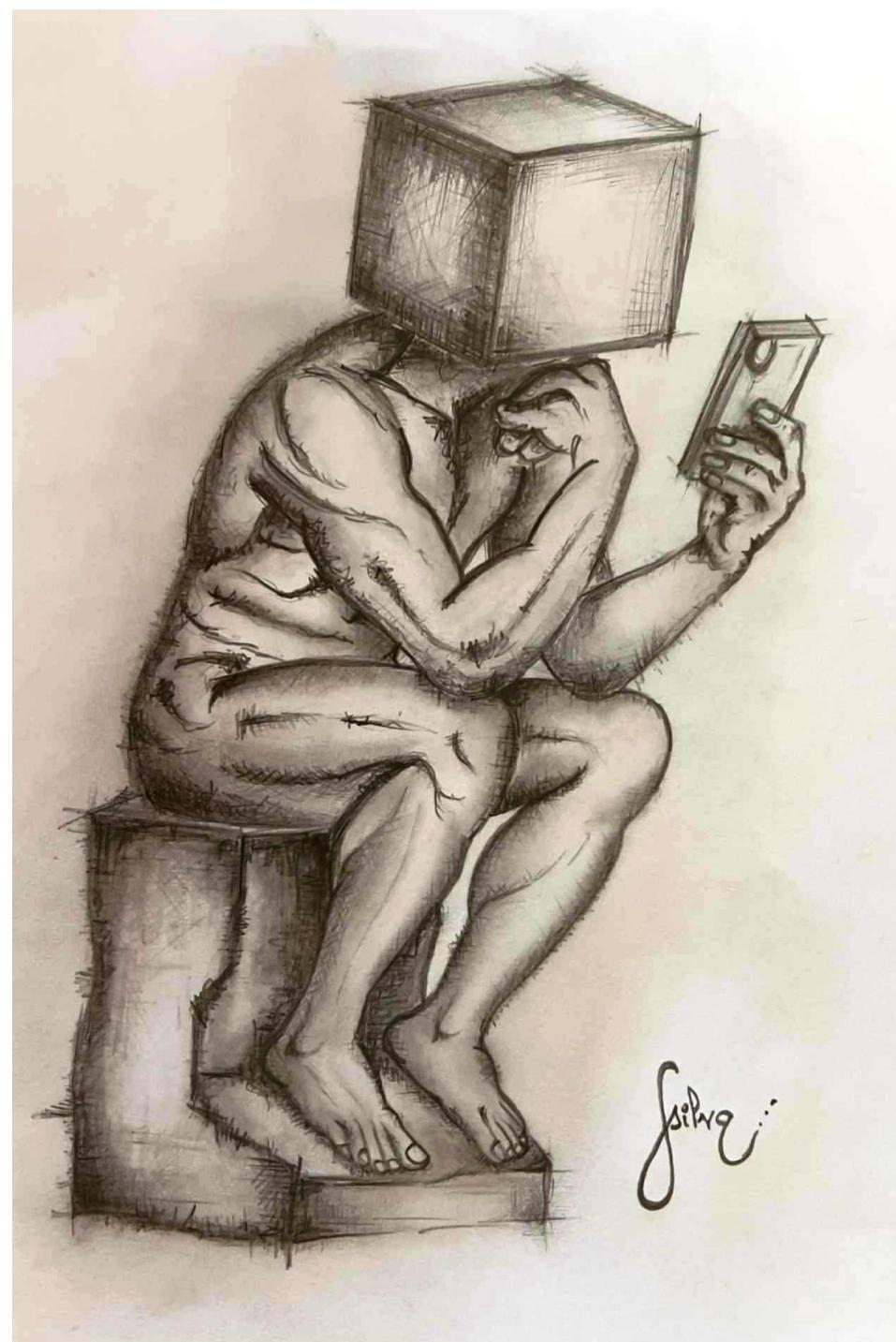
Cara amiga Margarida, temo que quando o Homem perceber que é, e será, mais feliz sem os algoritmos que o manipulam para uma felicidade eterna, plena, mas completamente falsa, seja tarde demais para todos.

Temo que nos tenhamos, irónica e profeticamente, tornado na abelha que morre esmagada à beira da liberdade...

O seu sempre amigo
Zezinho

**QUANDO
A FLOR
TEM WI-FI !**

BY PM



Desenho: Sandra Silva

PASSO A PALAVRA!

Texto: A. Grilo
Ilustração: PM

